

A Comarca de Guariba

19/5/1984

A cidade viveu 3 dias do pânico e tensão

Na terça-feira, dia 15, por volta das 5 horas da manhã, teve início a mobilização dos trabalhadores rurais de Guariba, com piquetes e barreiras para que todas as turmas de cortadores de cana não saíssem da cidade, a fim de que a paralisação fosse total e a greve geral alcançasse mais rapidamente seus objetivos. A princípio não foi possível contar com a adesão de todos os trabalhadores, mas a medida que o movimento prevista foi ganhando expressão popular, surgiram participantes vindo de todos os bairros da periferia e a situação acabou ficando incontrolável.

Pouco mais de 6,30 horas, um grito uníssono pelas avenidas e ruas da cidade: "Vamos destruir a Sabesp!" E alguns minutos depois, uma verdadeira multidão de cortadores de cana estava concentrada em frente ao escritório da Sabesp, na avenida Antonio Albino, esquina com a rua Sampaio Vidal, na Praça Padre Celso. Teve início a invasão e a depredação total do prédio, que foi incendiado pelos manifestantes, com todo seu mobiliário amontoado, preliminarmente no meio da via pública, e depois, foram derrubados o telhado as paredes de alvenaria.

Em seguida, os trabalhadores, agora ultrapassando a duas mil pessoas, foram até os depósitos da Sabesp, onde se encontram instalados os reservatórios de água e as bombas de recalque, destruindo todas as dependências da companhia de saneamento básico, inclusive, um caminhão Mercedes-Benz e uma camioneta Chevrolet.

Passava das 10 horas, os trabalhadores rurais já estavam de volta à Praça Padre Celso, desta vez, prontos para saquearem o Supermercado Santo Antonio Claret, de Cláudio Amorim, quando chegou a polícia militar, sob o comando do major Fabio, da guarnição de Araraquara, que na tentativa de dispersar a multidão, começaram a jogar bombas de gás lacrimogênico contra as pessoas que retornavam dos depósitos da Sabesp e já se aglomeravam atrás da Igreja Matriz. Logo depois, irromperam os primeiros disparos e, conseqüentemente, surgiram algumas pessoas feridas à bala, dentre elas, Amaral Vaz Meloni, de 49 anos, que estava sentado nos degraus do portão principal do Estádio Municipal, levou um tiro na altura dos olhos, tendo a bala atravessado sua cabeça e se alojado na parede das bilheterias. Amaral teve morte instantânea e deixa, além de nove filhos, a viúva Lourdes de Campos Meloni. "Se a polícia não tivesse chegado — denunciava o presidente do Sindicato Rural da cidade — nada disto teria acontecido, pois o povo já estava calmo".

A população de cortadores de cana, mais agitada com os disparos, avançou contra as tropas de choque, enquanto o Supermercado de Cláudio Amorim era depredado e totalmente saqueado, bem como sua residência particular, tendo sido incendiada, inclusive, uma perua Kombi pertencente ao estabelecimento comercial.

A cidade ficou sem água e luz durante quase todo o dia. O abastecimento domiciliar de água foi interrompido por ter sido levantadas suspeitas de envenenamento, enquanto todas as atividades públicas e privadas eram interrompidas, com a decretação, pelas polícias civil e militar, de estado de alerta.

O saldo do movimento acusou um morto e 29 feridos, dentre os quais alguns em estado bastante grave. O tenente Quêrcia teve fratura da clavícula, provocada por um ferimento à bala. Enquanto inspiravam maiores cuidados médicos e hospitalares: Alexandrino Alves Macedo, João Adauto dos Santos, Sebastião Gomes de Andrade Neto, Sérgio Mariano, Ademir Domingos da Silva, Antonio Alves de Oliveira Gilson Felipe, Izaias Alves de Aranha, Izilda Bezerra (estado gravíssimo), Juarez de Andrade e Moacir da Silva. Os demais feridos foram

atendidos e liberados imediatamente. Para o diretor clínico do hospital, "o que fizemos foi milagre, pois ficamos sem água e luz, sem condições de fazer sequer um raio X, embora ninguém tenha ficado sem atendimento".

(Primeira página)